

Não é estranho?

Já reparou que somente os outros erram? Nós, ao contrário, quase nunca erramos. Percebeu, por exemplo, que dirigimos corretamente - umas raras vezes atravessamos o sinal vermelho, mas o carro já estava no meio da rua, afinal; noutras, estacionamos em local proibido, mas por míseros segundos -, e os outros é que são os barbeiros do volante? Conhecemos muito e temos sempre larga experiência em assuntos variados; os outros, lamentavelmente, são atrasados e não possuem o mesmo nível de esperteza para nos acompanhar. Mais: já notou que pedimos para que nossas falcatruas sejam toleradas em nome da simpatia e da piedade universal, mas somos duros juizes quando é o outro que desliza na ladeira dos jeitinhos ilícitos? E no trabalho, sempre nos dedicamos ao máximo, mas os outros... Falamos mal dos outros, mas ficamos enraivecidos quando ocorre o inverso. Ofendemos e não admitimos qualquer insinuação desfavorável a nosso respeito. Não é estranho?

Vale lembrar que pensamos assim em razão de estarmos convictos acerca do quanto somos melhores do que as outras pessoas, pois elas ainda não entenderam o que é certo de se fazer na vida. Mas por que será que nossas convicções alcançam tamanha velocidade, se é possível comprovar quão lentos somos na estrada da vida, e que derrapamos bastante nas curvas da aprendizagem?

Embora um ser humano possua diferentes níveis de desenvolvimento em relação ao outro, ainda que a visão de mundo seja construída particularmente dentro da cabeça de cada um, mesmo que nos sintamos melhores ao desvalorizar os outros e valorizar a nós mesmos, é importante destacar o autoengano a que nos submetemos, em graus que podem variar da completa falta de conhecimento a nosso próprio respeito a uma visão menos embaçada, considerando-se, contudo, que a luta íntima permanente é fator decisivo para reduzir a autoilusão com o tempo, e que não há mudança significativa se a acomodação der as cartas no jogo do autoconhecimento. Somente o incômodo que se segue às honestas reflexões pessoais é capaz de trazer luz e impedir que a pessoa se mantenha tão cega, no mesmo lugar, com tanto potencial disponível à frente.

É fundamental aprender consigo mesmo tanto quanto seja necessário para deixar para trás o peso já desnecessário de autoconceitos irrelevantes ao crescimento e adquirir nova bagagem em prol de evoluir a novas rotas. Mas há um preço a se pagar: somente a própria pessoa pode se autorizar a empreender tal transformação; ninguém mais é capaz de fazê-lo além dela mesma. Não é justo e coerente? ■



Armando Correa de S. Neto
Psicólogo, professor e
mestre em Liderança
selfcursos@uol.com.br